

# TRANSGRESSÕES DE GÊNERO E NATUREZAS CONTESTADAS\*

DR<sup>a</sup>. BARBARA HUMBERSTONE

Doutora em filosofia pela Universidade de Southampton  
Diretora do Outdoor Learning and Experiential Education da unidade  
de pesquisa Buckinghamshire Chilterns University College, na Inglaterra  
Membro do European Institute for Outdoor  
Adventure Education and Experiential Learning  
Administradora do UK Institute for Outdoor Learning  
E-mail: barbara.humberstone@btinternet.com

Tradução: Miriam Adelman e Paulo H. Arruda

## RESUMO

*A natureza pode ser compreendida e significada de diversas formas. Por um lado, “a natureza” pode ser entendida como o substrato material necessário para a sobrevivência humana e, por outro, constitui-se de teias de símbolos que podem ser utilizados para legitimar identidades e visões de mundo particulares. Este trabalho examina esses diversos sentidos atribuídos à natureza, destacando conceitos de natureza como lugar. Globalmente vem ocorrendo uma evolução de atividades de aventura na natureza. Uma vez, a reserva de pequenos grupos de entusiastas de sexo masculino, hoje, esse movimento em direção à natureza pode ser entendido como expressão de uma “cultura de massas”. O trabalho analisa as formas em que noções de gênero podem ser transgredidas, ao “atravessar suas fronteiras” num lugar particular. Além disso, também considera as implicações da noção norte-americana de “natureza como terapia” promulgada pelo movimento mito-poético masculino. Finalmente, chama a atenção para o predomínio de vozes masculinas nos discursos acadêmicos que se preocupam com a natureza e as atividades ao ar livre, ou na sociedade norueguesa, a friluftliv.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; natureza; transgressão.

---

\* Este texto corresponde a um capítulo, publicado no livro: *Nature & identity* (PEDERSEN; VIKEN, 2003).

## “CULTURAS DA NATUREZA”

O que constitui a “natureza”; quais interesses se apóiam em certas definições de “natureza” e como e por que apelos à “natureza” se têm legitimado em uma posição subalterna de mulheres e grupos minoritários na sociedade são questões que, raramente, têm sido levantadas nas perspectivas do lazer.

Os questionamentos sobre as culturas de aventura ao ar livre (sobre os contatos dos seres humanos com a natureza) são ainda menos freqüentes. Perspectivas realistas (Soper in PEDERSEN; VIKEN, 2003) sobre a “natureza” e o ambiente natural, baseadas, em grande parte, na epistemologia científica, podem ter uma orientação objetiva e, assim, ignorar ou dispensar subjetividades importantes, tais como valores e identidades (DEMERITT, 1997). Pesquisas e perspectivas voltadas ao engajamento com a “natureza” podem ser, igualmente, criticadas. Com notáveis exceções (CROUCH, 1998; HUMBERSTONE, 1998; PEDERSEN, 1998; VANREUSEL, 1995, por exemplo), muitos discursos desse tipo têm adotado visões positivistas sobre os contatos dos seres humanos com a natureza, evitando discutir suas bases.

Williams (1983, p. 219) chamou nossa atenção para a complexidade da “natureza” e o uso que dela se faz como metáfora ideológica para a legitimação de determinadas visões de mundo. Essa duplicidade da “natureza” é ainda mais destacada, pois

a natureza remonta-nos ao objeto de estudo das ciências naturais e biológicas; a assuntos da metafísica sobre diferentes formas de existência do natural e do humano; ao meio ambiente e suas diversas formas de vida não-humanas. O natural é distinto do humano e do cultural e é, também, o conceito por meio do qual indagamos sobre a qualidade mais ou menos natural ou artificial de nosso próprio comportamento e da formação cultural de indivíduos e do meio social (SOPER, 1995, p. 2).

Podem ser percebidos crescentes envolvimento e participações em atividades ao ar livre. Nesse contexto, conjuntos de culturas de relações entre os seres humanos e a natureza vêm emergindo como “tradições ao ar livre” e continuam a evoluir (para análises do Reino Unido e da Noruega, ver Humberstone e Pedersen, 2001).

Especialmente, meu foco de análise e interesse é pelas culturas ou “associações” de lazer/esporte/educação na natureza que possam envolver viagens, nas quais a “natureza” é apresentada como um “espaço recreativo para passeio” (MACNAGHTEN; URRY, 1998, p. 22). Na Noruega, os termos mais comumente usados para referir-se a essas atividades são: educação ao ar livre, recreação de aventura ou vida ao ar livre. Eu também me interesso pela “natureza” como uma possibilidade de “cura natural” praticada por meio da terapia psicológica popular.

Como já escrevi em outro momento, “o que é entendido como educação ao ar livre ou aventura ao ar livre em determinado contexto pode ser entendido de forma diferente em outro” (HUMBERSTONE, 2000, p. 21). Então, esses conjuntos de cultura em torno de contatos dos seres humanos com a natureza, aos quais me refiro, são aqueles em que a natureza forma o contexto ou o “lugar” para “experiências ao ar livre com fins recreativos, educativos ou de lazer; para jovens, para treinamentos empresariais e para interesses terapêuticos” (idem, *ibidem*). Esses encontros são, em sua maioria, viabilizados pela “indústria *outdoor*”. Neste texto, portanto, tenho como objetivo discutir as lutas em torno das ideologias dominantes de masculinidade e regimes de gênero em lugares “naturais”. A pergunta que procuro responder é: como se desenvolvem a masculinidade e as ideologias de gênero em espaços naturais?

## GÊNERO E “NATUREZA”

“As palavras ‘natureza’ e ‘natural’ são, talvez, as mais sagazes na linguagem. Elas absorvem ideologias como uma esponja” (BEER, 1997, p. 83). Apelos à natureza são, freqüentemente, usados para justificar o que constitui um comportamento apropriado de mulheres e homens, definindo características de “homens de verdade” e de “mulheres naturais”.

Esse apelo à natureza e à naturalidade foi performatizado em um programa da BBC – Rádio 4, no início de 1999, intitulado *In our time*. Em tal programa, a filósofa darwiniana Helena Cronin discutiu explicações para diferenças sexuais e de gênero com Germaine Greer. Durante a discussão, Cronin argumentou a favor de um modelo essencialista da diferença, baseado na teoria darwiniana de seleção natural. Ela defendeu que mulheres e homens têm características distintas e inatas que são imutáveis. Esse argumento apóia-se na natureza ou na naturalidade. Greer, contudo, contrapõe a esse argumento um modelo construtivista de gênero, segundo o qual masculinidade e feminilidade variam de uma cultura a outra e de um período a outro<sup>1</sup>. As subjetividades e identidades de gênero dos indivíduos podem, igualmente, variar de um lugar a outro.

“Masculinidade [...] é um território contestado; é um campo de batalhas ideológico” (MAC AN GHAIL, 1996, p. 105-106). Partindo dessa premissa, examinarei a construção de masculinidades e, então, considerarei as lutas que se dão em torno dela, no contexto específico das relações seres humanos-natureza. O espor-

---

<sup>1</sup> Vide Tripp (2000) para uma discussão mais ampla desse tema.

te e a educação física são contextos sociais específicos, nos quais discursos e práticas normalizam formas tradicionais de masculinidade e excluem outras formas de masculinidade e feminilidade, embora haja transgressões ocasionais de suas formas tradicionais (HUMBERSTONE, 2002).

Baseado em Gramsci (1985), Connell (1995, p. 77) discute sobre essas construções e sugere que,

em qualquer dado momento, uma determinada forma de masculinidade é exaltada sobre outras. A masculinidade hegemônica pode ser definida como uma configuração de práticas de gênero que corporifica a resposta atualmente aceita ao problema da legitimidade do patriarcado, o que garante, ou se presume garantir, a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres.

Fundamentado em entrevistas de história de vida com diversos grupos de homens (desempregados, esportistas, homens envolvidos com o movimento ambientalista etc.), os trabalhos de Connell (1990; 1995) oferecem uma análise social de “masculinidades” bastante significativa. O autor apresenta como as rígidas fronteiras daquilo que significa ser um “homem de verdade” são delineadas. Seu trabalho é crucial para entender como a masculinidade hegemônica forma as ações e emoções dos homens e para compreender os dilemas daqueles que tentam resistir a ela e ultrapassar suas fronteiras.

De algum modo, a educação ao ar livre e a recreação de aventura podem, em certas ocasiões, possuir muitas das características daqueles esportes que valorizam a força física e a habilidade<sup>2</sup>. Mensagens expressas por meio de formas esportivas impingem sobre todos os aspectos da sociedade.

O esporte é uma cultura poderosa e significativa, pela qual vários processos constroem e legitimam formas dominantes de masculinidade e onde também se define aquilo que deve ser excluído de tais formas. As mensagens culturais prevalentes utilizam o esporte tanto para celebrar a forma idealizada de masculinidade quanto para inferiorizar o “outro” – as mulheres e as formas de masculinidade que não se ajustam. Coroada pelo esporte e feita objeto das aspirações de muitos homens, essa forma de masculinidade, culturalmente idealizada, pode, contudo, não ser a maneira mais comum de masculinidade (CONNELL, 1990).

---

<sup>2</sup> Em outros momentos, tenho sugerido que esses contatos dos seres humanos com a natureza, ou o que é entendido como educação ao ar livre ou aventura ao ar livre, podem ser entendidos diferentemente em diferentes culturas. Eles podem ser “experiências ao ar livre com fins recreativos, educacionais e de lazer, para jovens, para treinamentos empresariais e para interesses terapêuticos” (HUMBERSTONE, 2000, p. 22). Além disso, argumenta-se que as atividades físicas ao ar livre não são esporte (vide FAARLUND, 2000; DRASDO, 1972).

A própria natureza física do esporte lhe dá um significado especial devido ao elo fundamental entre poder social e força física. O esporte é uma importante arena onde força física e robustez são entrelaçadas para formar uma masculinidade hegemônica, onde as ideologias resultantes são transmitidas (BRYSON, 1990, p. 173).

Quando homens esportistas apresentam imagens de si que são diferentes dessas formas idealizadas, a mídia popular aproveita a oportunidade para reforçar essas ideologias por meio de ridicularizações. Assim, sustenta-se a idealização de formas hegemônicas e despreza-se a diferença.

Representações de “heróis” esportistas populares que transgridem “normas” masculinas, como aquelas de David Beckham, popular jogador inglês de futebol, destacam a forte manutenção das fronteiras e as forças que atuam para prevenir que aquelas fronteiras ideológicas sejam ultrapassadas.

Em 1998, fotografias de David Beckham – ao lado de Victoria, sua esposa *popstar*, ex-integrante do grupo musical Spice Girls – deixando um restaurante, vestindo uma canga, foram acompanhadas, no dia seguinte, de manchetes depreciativas na mídia popular. “Beckham com vestido elegante” (WHITAKER, 1998, p. 1). “Roupas de menina para o sexy David. Mas isso atrai as mulheres?” (WEATHERS, 1998, p. 3). Escrita por uma mulher, essa última manchete une-se, coniventemente, à masculinidade hegemônica com comentários que minimizam a imagem pouco convencional de Beckham e sua relação aparentemente mais igualitária com as mulheres. O texto implica que ele é dominado por sua companheira Victoria, o que o feminiza e o fragiliza. Além disso, comenta que “o sentido de moda de David é alarmante para nós, mulheres, que preferimos nossas estrelas do futebol de calções; não de saias. É o suficiente para deixar-nos nostálgicos por tudo o que é verdadeiramente macho, que cheira a homem” (idem, *ibidem*). A jornalista em questão convida o ícone do esporte a aceitar o papel que lhe é exigido pela masculinidade hegemônica tradicional e agir como um “homem de verdade”, um ídolo da masculinidade. O relacionamento de maior respeito e, aparentemente, similar ao de Beckham com sua companheira, aliado ao fato de vestir roupas tidas como próprias de mulheres, em sociedades ocidentais, é uma afronta à “ordem natural” da masculinidade.

Além disso, em um comentário mais recente da mídia, Connolly (2000, p. 33) discute sobre o popular livro de Morton (2000) a respeito da família Beckham, chamando atenção à seguinte declaração: “ela é a mulher de negócios; ele é quem cuida da criança. Em poucas palavras, ela Tarzan, ele Jane”. Com essas declarações públicas, a transgressão inconsciente da masculinidade dominante, por parte de Beckham, é ridicularizada. Os escritores da mídia parecem incapazes de celebrar uma masculinidade que não adira às suposições de senso comum sobre o que

constitui um “homem de verdade”, “natural”; são incapazes de aceitar algo que ultrapasse as fronteiras de gênero.

É evidente que o lazer e o esporte são oportunidades sociais significativas nessas lutas sobre ideologias de gênero e vêm recebendo bastante atenção de feministas e comentaristas críticos. Entretanto, apesar de análises consideráveis sobre representações dominantes de masculinidade e feminilidade, “assuntos não-humanos ou da natureza são raramente considerados, na maior parte dos escritos feministas (preocupados com tais oportunidades sociais “naturais”), em que a natureza é vista não em termos materiais, mas em termos simbólicos” (HUMBERSTONE, 1998, p. 384).

Assim, o contexto físico ou geográfico do esporte ou da atividade física na natureza é raramente considerado. A própria dimensão física de contatos dos seres humanos com a natureza faz da “natureza” um lugar importante para as lutas pela hegemonia, inclusive, aquelas que disputam formas de masculinidades e feminilidades.

#### A “NATUREZA” COMO UM LUGAR

Ao contextualizar a “natureza”, gostaria de partir do conceito de lugar como a combinação do espacial e do social – um “espaço social”, segundo Cresswell (1996). Esse autor argumenta, categoricamente, que

expectativas sobre o comportamento em lugares são componentes importantes na construção, manutenção e evolução de valores ideológicos<sup>3</sup>. O lugar, como uma entidade fenomenológica/experiencial, combina elementos da natureza (forças elementares), as relações sociais (classe, gênero etc.) e os significados (idéias e símbolos) (CRESSWELL, 1996, p. 157).

Um lugar específico opera como um foco de significado e contexto externo para uma ação. É visto como um local geográfico com uma determinada referência cartográfica e construção física (natureza ou arquitetura), uma localidade (um contexto mais vasto para relações sociais) e um sentido de lugar (sentimentos subjetivos associados a um lugar)<sup>4</sup>.

A “natureza” como uma paisagem não-humana – floresta, mar, montanha etc. – pode ser imbuída, em graus diversos, daqueles traços que caracterizam o

<sup>3</sup> Isso tem ressonância com o conceito de *habitus* de Bourdieu.

<sup>4</sup> A conferência sobre educação ao ar livre, em janeiro de 2001, foi intitulada “A sense of place” (“Um sentido de lugar”).

conceito de “lugar”. Aqui, portanto, refiro-me à noção de “natureza” como um lugar “natural”, usando os termos intercambiavelmente.

Macnaghten e Urry (1998) alertam para as várias formas, pelas quais o mundo físico é constituído culturalmente, por inúmeras práticas sociais, com significados contestados. Conseqüentemente, podem ser percebidas lutas pelos significados atribuídos a lugares “naturais” e, também, lutas pelas formas de relações sociais e subjetividades nesse contexto. Os lugares “naturais”, então, são, ao mesmo tempo, produzidos e implicados na produção de ideologias. Os lugares “naturais” não podem ser tidos como “naturalmente” livres de presunções do senso comum. Por meio dos contatos dos seres humanos com a natureza, nas ações em lugares “naturais”, um indivíduo relaciona-se com uma ideologia, aceitando uma identidade (subjetividade) ou criando uma contra-identidade.

Os significados das experiências em lugares “naturais” são criados por meio da prática.

A prática é, ao mesmo tempo, uma forma de consumo (enquanto o ator age, segundo normas presumidas, ele as “compra”) e uma forma de produção (pois, ao agir em concordância com normas presumidas, o ator contribui ainda mais para a continuidade dos significados de lugar, segundo o “senso comum”) (CRESSWELL, 1996, p. 17).

Ainda que ideologias de gênero sejam reforçadas e resistidas ou desafiadas na “natureza”, sugiro a existência de uma ressonância de ideologias, no sentido de proposições tomadas como óbvias, segundo as quais um lugar “natural” é livre de influências da cultura (ou mesmo não tem ideologia), bem como aquelas proposições sobre o comportamento apropriado e diferente para mulheres e homens.

Assim, a “natureza” pode ser um lugar onde ideologias e hierarquias (regimes) de gênero tradicionais são reforçadas/reafirmadas, mas, também, pode oferecer lugares em que fronteiras são transgredidas e ideologias são resistidas e desafiadas.

## TRANSGRESSÕES DE GÊNERO

Ao “passar dos limites”, ao transgredir em um lugar determinado, as normas situadas, os pressupostos tomados como dados e as relações de poder são evidenciados. Para que a transgressão seja percebida, pode ser que haja ordenamentos espaciais e estruturamentos preexistentes e reconhecidos.

O esporte, como já aponte, é freqüentemente assumido como um território hegemônico masculino, e percebemos as formas como o “herói” esportista é ridicularizado quando rompe as estruturas da norma masculina. O exemplo de

Beckham, anteriormente apresentado, destaca as formas como a mídia participa das lutas pela manutenção das masculinidades e das ordens de gênero hegemônicas. A transgressão, diferentemente da resistência, não está nas intenções de indivíduos, mas no resultado. Como no exemplo de Beckham, suas representações/ações e relações, talvez inconscientes, chamaram atenção e foram julgadas como uma “infração”, ou como um ter ido além das fronteiras estabelecidas por aqueles que reagem, como a mídia.

Em certas ocasiões, porém, a transgressão pode ser uma consequência de resistência consciente. Uma ação que transgredir uma determinada fronteira é julgada como uma ação feita “ilegalmente” ou em contradição ao senso comum aceito. Encontrar e explorar as margens permite a compreensão daquilo que se estabelece como apropriado e correto em determinado território espacial, cultural ou subjetivo. Explorar as formas como se reage à transgressão destaca os processos hegemônicos ou as lutas por determinadas ordens sociais num contexto situado. Nessa perspectiva, darei exemplos de transgressão na “natureza”, com o objetivo de apontar ideologias dominantes embutidas em “espaços naturais” e formas de identidade de gênero e raça dominantes, embora em disputa.

O trabalho da fotógrafa britânica negra Ingrid Pollard aborda ideologias ocultas da paisagem ou dos “espaços naturais” essencialmente ingleses. Ela usa sua fotografia para destacar, conscientemente, o racismo inerente às presunções comuns no interior da Inglaterra. Historicamente, o interior da Inglaterra foi apropriado pelo *gentleman* inglês, branco, de classe alta, que cercou espaços abertos e expulsou muitos membros da classe trabalhadora de suas fazendas, ou, por vezes, com a expectativa de que estes trabalhassem para os nobres proprietários de terra. O interior pertencia aos nobres, homens brancos e, em muitos casos, tornou-se seu “*playground*”. Com sua fotografia, Pollard torna visível, conscientemente, as ideologias ocultas embutidas nas pinturas da paisagem inglesa, que celebravam a classe alta, branca, masculina, geralmente retratada observando seus territórios.

Em uma seqüência de auto-retratos, intitulada “Interlúdio pastoral”, ela é vista escalando ou remando sobre as águas no Lake District, no Reino Unido. Cada fotografia é legendada com comentários sobre os sentimentos de Pollard, sobre como se sente “fora de lugar” na paisagem inglesa. No final da década de 1980, quando essas fotografias foram expostas no Reino Unido, elas retrataram a quebra de barreiras implícitas sobre quem naturalmente pertence ao interior da Inglaterra dos poetas brancos, como William Blake e William Wordsworth e a escritora de livros infantis e ilustradora Beatrix Potter.

Ingrid Pollard, uma mulher negra, no interior da Inglaterra, estava, de alguma forma, “fora de lugar”. Suas fotografias transgrediam, conscientemente, as frontei-



ras masculinas, brancas, destacando a importância simbólica da paisagem inglesa, evidenciando o “outro” – mulher e negra. A natureza não representa somente as colinas ondulantes e as paisagens pitorescas da Inglaterra, mas, também, um “lugar selvagem”, onde homens têm testado sua masculinidade contra os perigos dos elementos naturais por meio da exploração e da aventura no mar e nas montanhas.

A reportagem da morte de Alison Hargreaves, enquanto descia a difícil montanha K2, no Himalaia, em 1995, destaca as formas como a “natureza” selvagem é designada: um espaço masculino e inapropriado para mulheres. Hargreaves, considerada uma das melhores montanhistas da Grã-Bretanha, tinha experiência e era habilidosa e competente. Ela havia subido, com sucesso, vários picos no Himalaia naquele ano. No mesmo mês de sua morte, dois homens também morreram ao descer uma montanha no Himalaia. Esses montanhistas foram relatados como “homens de grande integridade e tremenda estatura”, enquanto Hargreaves foi proclamada uma mãe inapta e “obcecada” pelo desejo de chegar ao topo. Não foi mencionado que um dos homens mortos era também pai. Essa reação, quase violenta, à transgressão de uma montanhista habilidosa reforça a montanha como território masculino, como “lugar selvagem”, onde as mulheres estão fora de lugar e aonde não deveriam ir.

Essas transgressões exemplificam os limites de masculinidades e feminilidades, bem como as delimitações do lugar natural como espaço masculino, onde a mulher é o “outro”, estando, portanto, “fora de lugar”. Tais transgressões também descrevem as lutas que ocorrem nas fronteiras para manter o território da masculinidade e atuação dos homens. O trabalho de Pollard também relata o lugar natural como simbólico da nação<sup>5</sup>.

#### A “NATUREZA” COMO TERAPIA PARA HOMENS EM “CRISE”

O poder da “natureza” nas lutas pela masculinidade e, de certa forma, pelo nacionalismo, pode ser exemplificado no significativo movimento mito-poético de homens. As florestas, freqüentemente, fornecem lugares para as ideologias dos movimentos de homens, quanto ao que deve ser um homem, performatizadas em grupos exclusivamente masculinos.

O americano Robert Bly promulga essa popularização da terapia para homens em seu livro – sucesso de vendas – *Iron John: a book about men* (1991).

---

<sup>5</sup> Vide Kinsman (1993), cujas entrevistas com Ingrid Pollard são analisadas para explorar as experiências de Pollard, uma fotógrafa negra na paisagem do Reino Unido.

Fazendo uso da psicologia jungiana, que enfatiza a separação entre um homem e seu pai como uma fonte de dor, o livro convida os homens a irem aos bosques, em grupos, para redescobrirem o “homem selvagem” dentro de cada um. Isso é uma consequência da opinião de Bly de que “os homens estão ficando ‘moles’ por meio de seu contato com o feminino” (TACEY, 1997, p. 4). Bly conclama os homens a endurecerem, indo “a seu inconsciente” por intermédio de oficinas de terapia situadas em florestas. Sua defesa de uma masculinidade primitiva “orgânica” designa “masculinidade” aos homens e “feminilidade” às mulheres e, assim, reforça noções conservadoras e essencialistas de gênero e regimes de gênero. Ele usa a natureza e o mito do “homem selvagem” para “ganhar de volta” a masculinidade que acredita ter sido perdida, em grande parte, em virtude do movimento feminista, no novo homem, no homem “mole” (*soft*).

Tacey (1997) critica Bly, principalmente, por sua ingenuidade em não reconhecer os perigos inerentes à sua popularização do “culto” ao mito do herói. Essa crítica é apoiada por Ehrenreich (1990), citada em Tacey (1997, p. 88), que sugere que “quaisquer que sejam as intenções dos mito-poéticos, arquétipos como o ‘homem selvagem’ e Guerreiro, abraçam modelos antigos de homens heróicos”.

Tacey (1997, p. 87) aponta problemas codificados nos anúncios dos retiros de final de semana inspirados por Bly, encorajando homens a “espreitar o ‘homem selvagem’ dentro de si” e propondo que “é chegada a hora do novo guerreiro”. Ele sugere que, nesses retiros, os homens podem engajar-se nos mesmos tipos de discursos e práticas que se encenava no movimento da juventude nazista, no qual a “celebração ritualística do espírito masculino arquétipo [...] e a aliança jurada ao ‘homem selvagem’ da mitologia nórdica” foram significativos nas insurreições nazistas<sup>6</sup>.

## A FLORESTA COMO LUGAR NATURAL

A floresta como lugar “natural” oferece ambientes poderosos para o movimento do “homem selvagem”, no qual antigos modelos de hegemonia masculina se reafirmam e se mantêm e no qual são construídas fronteiras ainda mais fortes ao redor do que significa ser um “homem de verdade”. Por meio da psicologia popular

---

<sup>6</sup> Além disso, Macnaghten e Urry (1998, p. 183) alertam sobre os poderosos mitos associados a florestas, entrelaçados em diversas culturas, e às formas como, para os alemães, a floresta retém um espírito de militarismo como uma recordação do uso da floresta por parte do nazismo. Tacey (1997, p. 89) destaca o embaraço de Bly quando comparou as oficinas do “homem selvagem” às atuações dos campos de jovens do terceiro Reich. A resposta de Tacey é defender a noção pós-moderna de um homem mais maleável em contraste ao homem primitivo da visão de Bly.

como discurso e das práticas que afirmam e reafirmam idéias de separação do feminino e da volta à “natureza”, sustentam-se idéias tradicionais de masculinidade. Parece-me, portanto, que a categoria “crise na masculinidade” está sendo atendida por essas oficinas ao tentar-se restaurar masculinidades patriarcais e essencialistas. Nessas situações, a “natureza” fornece um lugar seguro onde são retomadas e mantidas hierarquias de gênero e estruturas existentes.

Claramente, então, esses contatos “terapêuticos” popularizados com a “natureza” a evocam para facilitar o retorno ao homem primitivo delimitado, separado e desconectado da mulher. Nesses tipos de contatos “terapêuticos” com a “natureza”, ou, mais especificamente, com as florestas, o meio ambiente é tomado em grande parte como um recurso poderoso com pouca conexão aparente com preocupações ambientais ou de “políticas verdes”. Tais práticas são, também, em sua maioria, desconectadas de culturas esportivas, baseadas na natureza ou no lugar natural como espaço recreativo para viagens.

Assim, de que forma as ideologias ambientais, aquelas comprometidas com a conscientização da “natureza” e com a justiça ambiental, são implicadas em lutas pela “masculinidade”? A pesquisa de história de vida de Connell (1995) sugere que os homens envolvidos em política ambiental são os assim chamados homens “mols”, desdenhados pelo movimento de reavivamento do “homem selvagem”. Sua pesquisa destaca a forte presença feminista e de mulheres no movimento ambiental australiano e o desejo de homens de trabalharem nesses projetos.

Segundo Connell (1995), esses homens não somente trabalham conscientes de sua própria mudança de masculinidade, mas, também, em um nível coletivo, em processos que, embora tímidos, contestam a ordem social do patriarcado. Para Connell, o lugar natural não é um recurso para esses homens, mas torna-se um “todo orgânico”.

As fronteiras de masculinidade e feminilidade são transgredidas dentro de uma cultura de cuidados para com o meio ambiente. Além disso, os comentários de Connell (1995, p. 128) sobre as transformações na masculinidade e as implicações da natureza são significativos e pertinentes a essa discussão. “O movimento ambiental é, então, um campo fértil para uma política da masculinidade. Mas, ele não trata de gênero e produz uma política de masculinidade explícita, sem assistência. Isso requer o impacto do feminismo”.

Dessa forma, emerge o seguinte questionamento: como o discurso feminista e o movimento ambientalista vêm afetando os contatos dos seres humanos com a natureza, praticados por culturas que procuram vivenciar tais contatos por meio de viagens pela “natureza”?

## O LUGAR NATURAL COMO “ESPAÇO RECREATIVO PARA PASSEIO”

Fatores materiais e sociais modelam as “tradições ao ar livre” em diferentes países. Um estudo exploratório de “tradições ao ar livre” no Reino Unido e na Noruega identificou a persistência, ainda que de formas alteradas, de masculinidade hegemônica entre e dentro dessas tradições.

Em uma recente análise sociohistórica de “tradições ao ar livre” nos dois países, até o início da década de 1980, Humberstone e Pedersen (2001) rastream as influências de classe e de gênero que interligam aspectos dessas tradições.

Diferentemente do Reino Unido, onde qualquer “esverdeamento” dessas tradições é, em grande parte, marginal e idiossincrático, a vida ao ar livre norueguesa é influenciada pelo “movimento de ecologia profunda” (vide BREMK, 1973; FAARLUND, 1974; NÆSS, 1973), tornando-se um “espaço natural” da crítica contracultural que incorpora ideais “utópicos” de uma “nova sociedade verde”.

Como destacam Pedersen (1997, 1999) e Humberstone e Pedersen (2000), isso não incluiu nenhuma análise feminista, nem mesmo contribuições de mulheres, a despeito das consideráveis críticas ecofeministas realizadas por homens e mulheres. No Reino Unido, onde o movimento de ecologia profunda teve um impacto muito menor, as mulheres foram amplamente excluídas, também, das tradições e discursos *outdoor* dominantes<sup>7</sup>.

A continuidade de regimes de gênero e a manutenção das fronteiras em filosofias de vida ao ar livre, no Reino Unido e na Noruega, podem ser ilustradas ao ressaltar os atuais discursos e práticas no mundo acadêmico, tomando como exemplo uma conferência recente ligando os dois países.

## O DISCURSO ACADÊMICO E A NATUREZA COMO LUGAR MASCULINO

A conferência “Encountering Nature: Norwegian Ideas and Scottish Experience” ocorreu de 29 a 30 de Abril de 2000, no Centre for Environmental

---

<sup>7</sup> O *Outward Bound*, com suas primeiras filosofias de “cristandade muscular” e construção de caráter, foi uma forte influência nas tradições de aventura ao ar livre no Reino Unido e na América do Norte. Inicialmente, era quase exclusivamente uma instituição masculina que expressava mensagens e práticas sobre formas específicas de masculinidade. Mesmo há trinta anos, Drasdo (1972) destacava a crise do *Outward Bound* em suas deliberações sobre a inclusão de jovens mulheres. Esse autor escreveu ironicamente sobre a inclusão de jovens mulheres como um dos eventos que “abalaram o movimento”. “É comovente ler sobre o simples prazer e a parabenização própria positiva daqueles preocupados, após este passo intimidante ter sido tomado e após as meninas terem provado que árduas expedições aos mares e às montanhas não estavam além de suas capacidades” (DRASDO, 1972, p. 33).

History and Policy, na Universidade de St. Andrews, Escócia. A conferência não focalizou propriamente a noção de “lugar natural”, mas tratou das metanarrativas da “vida ao ar livre” e lugar natural. Dos 45 palestrantes e representantes identificados no evento (ST. ANDREWS UNIVERSITY/NORGES IDRETTSHOGSKOLE, 2000), havia 38 homens e sete mulheres (duas das quais apareceram como esposas).

A programação da conferência mostra cinco apresentações, geralmente, com dois debatedores para cada apresentador. Nenhuma mulher apareceu como apresentadora ou debatedora. A conferência e seus textos associados são fontes relevantes, uma vez que denotam discursos e práticas normalizantes em torno da filosofia da natureza e de experiências humanas e não-humanas, nesse caso, a experiência escocesa e o discurso norueguês. A estrutura da conferência e os textos incluídos são flagrantes em sua ausência de referências a mulheres (exceto as esposas de “pioneiros da vida ao ar livre”, como o explorador polar Fridtjof Nansen) ou à contribuição de mulheres ao pensamento ecológico. Os artigos incluídos nos anais são, em grande parte, artigos previamente publicados. Aqui, farei uma breve menção aos artigos dos filósofos noruegueses da aventura ao ar livre Gunnar Breivik e Nils Faarlund por exemplificarem como permanece a continuidade de território, mantendo-o inconscientemente e fundamentalmente masculino.

Os contatos com a “natureza”, apresentados no texto “Quest for excitement and the safe society” (“A busca da excitação e a sociedade segura”), de Gunnar Breivik (2000a), são amplamente romantizados e psicologizados, embora o autor se baseie em perspectivas de sociólogos, homens, proeminentes e teóricos da sociedade de risco. O texto discute a ausência de ajuste na sociedade moderna e fundamenta-se na teoria da busca da sensação, argumentando que, na sociedade de hoje, poucos entre nós têm qualquer “desculpa” se nossas vidas tornarem-se “um fracasso ou uma miséria”. Os outros textos de Breivik posicionam as idéias de Nansen (BREIVIK, 1989) e o ecologista profundo Næss (BREIVIK, 2000b) nas tradições de vida ao ar livre.

Faarlund (2000, p. 25)<sup>8</sup> apresenta uma ideologia de vida ao ar livre que, para a cultura da Noruega, significa: “evocar respostas fortes, na sociedade norueguesa, justamente por evocar uma identidade nacional, um sentido de verdadeiro ‘pertencimento’ a sua terra”.

Porém, assim como Drasdo escreveu sobre montanhismo, no Reino Unido em 1972, Faarlund também faz uma distinção entre essa prática e esporte: montanhismo “não é esporte, uma atividade competitiva; mas, sim, uma possibili-

---

<sup>8</sup> Os números das páginas são desse artigo. O texto da conferência não foi enumerado.

dade para a manutenção da boa forma na tentativa de compensação por um estilo de vida que não é natural nem saudável”.

Segundo os textos, ambos Nansen e Næss foram (e são) homens que gostavam de atividade física. Nansen, conforme o texto, afirma que “permanece um ideal no próximo século (XXI)”. Næss é visto como um tanto hostil ao esporte competitivo, um pensador antidualista e não-violento e um líder global na filosofia de ecologia profunda.

Apesar dessa forte influência ambientalista e de esses heróis da “vida ao ar livre” na Noruega cruzarem algumas fronteiras e rejeitarem valores esportistas, há somente uma pequena consciência de gênero ou reconhecimento da crítica feminista identificados no discurso acadêmico da conferência. Apesar do trabalho de Pedersen, que realizou uma crítica poderosa contra essa construção ideológica da atividade na “natureza”, identificando a hegemonia cultural e destacando “outras” formas de experiências na “natureza” norueguesa.

A despeito da proposta de Connell (1995), de que os homens envolvidos no movimento ambientalista podem também participar da contestação da ordem de gênero, poucas transformações são vistas no discurso e na prática acadêmica atuais em relação ao esporte na natureza e à vida ao ar livre.

## COMENTÁRIOS FINAIS

Este texto destaca a duplicidade da “natureza” como lugar e como noção, embutida em presunções ideológicas sobre o que é ser um “homem de verdade” e uma “mulher natural”. As paisagens, as montanhas, as florestas etc. oferecem um espaço, por meio do qual conceitos polarizados tradicionais de masculinidade e feminilidade podem ser reforçados, como no caso do movimento mito-poético.

As transgressões, nesses espaços, revelam as “normas”, comumente associadas ao espaço natural, em que a mulher é o “outro” e destacam as disputas sobre fronteiras para a manutenção de montanhas, florestas etc. como territórios de masculinidade, de atuação dos homens e, freqüentemente, não-negros.

Essas considerações também podem ser observadas, de certa forma, em determinados discursos acadêmicos. Entretanto, acredito que existam “brechas” nas fronteiras das categorias que sinalizam possibilidades de transformações de gênero e mudança. Nesse processo, são significativos os diferentes conjuntos de culturas, em torno dos contatos dos seres humanos com a natureza, em que a natureza forma o contexto ou o “lugar” para experiências de lazer, de recreação e de educação ao ar livre, com suas potenciais conexões com preocupações ambientais.

Conseqüentemente, este artigo é um chamado para mais pesquisas interpretativas, capazes de explorar identidades/subjetividades e práticas na “natureza” que se apoiem em interesses e inquietações sobre a justiça social e ambiental.

#### AGRADECIMENTOS

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer a Alcyane Marinho pelo convite carinhoso para escrever para esta revista. É um prazer poder contribuir.

Gostaria de agradecer ao Conselho de Pesquisa Social da Noruega (Norwegian Social Research Council) e ao Finmark College, Alta, pelo convite estimulante de participação no simpósio do qual emergiram as idéias apresentadas.

#### Gender transgressions and contested natures

*ABSTRACT: “Nature” can be understood and given meaning in several ways. On the one hand, ‘nature’ may be taken to be material substance necessary for the survival of human kind and, on the other, it is constituted by webs of symbols that may be used for legitimating particular identities and worldviews. This paper examines these diverse notions of ‘nature’ and highlights the concepts of nature as place. Globally, there has been an evolution of adventurous activities in nature. These were once the preserve of small numbers of largely male enthusiasts but now this movement into nature can be seen as an expression of “mass culture”. This paper analyses the ways in which notions of gender may be transgressed through “crossing the line” in a particular place. However, it further considers the implications of the North American ‘nature as therapy’ promulgated through the mythopoetic men’s movement. Finally, it draws attention to the predominance of male voices in academic discourse concerned with nature and outdoor adventure and friluftliv (outdoor life) in Norway.*

*KEY WORDS: Gender; nature; transgressions.*

#### Transgresiones de género y naturaleza contestadas

*RESUMEN: La naturaleza puede ser comprendida y significada de varias maneras. Por un lado, “la naturaleza” puede ser entendida como el substrato material necesario para la supervivencia humana y, por otro lado, se constituye de redes de símbolos que pueden ser usados para legitimar identidades y visiones de mundo particulares. Este trabajo examina los diversos sentidos atribuidos a la naturaleza, resaltando los conceptos de naturaleza como lugar. Globalmente, ocurre una evolución de actividades de aventura en la naturaleza. El trabajo analiza las maneras en que las nociones de género pueden ser transgredidas, al*

(continua)

(continuação)

"atravesar sus fronteras" en un lugar particular. Además, también considera las implicaciones de la noción norteamericana de "naturaleza como terapia" promulgada por el movimiento mito-poético masculino. Por fin, llama la atención para el predominio de voces masculinas en los discursos académicos que se preocupan con la naturaleza y con las actividades al aire libre, o en la sociedad noruega, friluftliv.

PALABRAS CLAVES: Género; naturaleza; transgresiones.

## REFERÊNCIAS

BEER, G. Representing women: re-presenting the past. In: BELSEY, C.; MOORE, J. (Eds.) *The feminist reader: essays in gender and the politics of literary Criticism*. London: Palgrave, 1997.

BLY, R. *Iron John*. A book about men. Dorset: Element Books, 1991.

BREIVIK, G. Friluftsliv-en vei til et nytt samfunn. *Mestre fjellet*, v. 16, n. 23, 1973.

\_\_\_\_\_. F. Nansen and the Norwegian outdoor life tradition. *Scandinavian Journal of Sports Science*, v. 11, n. 1, p. 9-11, 1989.

\_\_\_\_\_. The quest for excitement and the safe society. In: ST. ANDREWS UNIVERSITY/NORGES IDRETTSHOGSKOLE. *Encountering nature: Norwegian ideas and Scottish experience*. Conference papers. Scotland: St. Andrews University, 2000a.

\_\_\_\_\_. A deep ecology perspective on outdoor life and sports. A presentation of Arne Naess' views. In: ST. ANDREWS UNIVERSITY/NORGES IDRETTSHOGSKOLE. *Encountering nature: Norwegian ideas and Scottish experience*. Conference papers. Scotland: St. Andrews University, 2000b.

BRYSON, L. Challenges to male hegemony in sport. In: MESSNER, M.; SABO, D. (Eds.). *Sport, men and the gender order: critical feminist perspectives*. Champaign: Human Kinetics, 1990.

CONNELL, R. W. An iron man: the body and some contradictions of hegemonic masculinity. In: MESSNER, M.; SABO, D. (Eds.). *Sport, men and the gender order: critical feminist perspectives*. Champaign: Human Kinetics, 1990.

\_\_\_\_\_. *Masculinities*. Cambridge: Polity Press, 1995.

CONNOLLY, R. The New Beverly Hillbillies. *Daily Mail*, p. 32-33, oct. 2000.

CRESSWELL, T. *In place, out of place*. Geography, ideology and transgression. Minnesota: University of Minnesota, 1996.

CROUCH, D. Countryside at leisure. *Leisure Studies Newsletter*, n. 2, p. 11, 1998.



DEMERRITT, D. Ecology, objectivity and critique in writings on nature and human sciences. In: BARNES, T.; GREGORY, D. (Eds.). *Readings in human geography: the poetics and politics of inquiry*. London: Arnold, 1997.

DRASDO, H. *Education and the mountain centres*. Tyddyn Gabriel: Welsh Universal Press, 1972.

EHRENREICH, B. The birth of a movement. *The Family Therapy Networker*, p. 20-22, maio/jun. 1990.

FAARLUND, N. *Friluftsliv-hva-hvordan-hvorfor*. Hemsedal: Norges Idrettshøgskole, 1974.

\_\_\_\_\_. Friluftsliv – a way of life. In: ST. ANDREWS UNIVERSITY/NORGES IDRETTSHOGSKOLE. *Encountering nature: Norwegian ideas and Scottish experience*. Conference papers. Scotland: St. Andrews University, 2000.

GRAMSCI, A. *Prison notebooks: selections*. New York: International Publishers, 1985.

HUMBERSTONE, B. Re-creation and Connections in and with 'Nature'. Synthesising ecological and feminist discourses and praxis? *International Review for the Sociology of Sport*, Special Issue on Sport and the Environment, v. 33, n. 4, p. 381-392, 1998.

\_\_\_\_\_. The outdoor industry as social and educational phenomena: gender and outdoor adventure/education. *Journal of Adventure Education and Outdoor Learning*, v. 1, n. 1, p. 21-36, 2000.

\_\_\_\_\_. Femininity, masculinity and difference: what's wrong with a sarong? In: LAKER, A. (Ed.). *The sociology of sport and PE: a reader*. London: Falmer Press, 2002.

\_\_\_\_\_.; PEDERSEN, K. Gendered 'natural' spaces: a comparison of contemporary women's experiences of outdoor adventure (UK) and Friluftsliv (Norway). In: HUMBERSTONE, B. (Ed.). *Her outdoors; risk, challenge and adventure in gendered open spaces*. Eastbourne: LSA Publication, n. 66, 2000.

\_\_\_\_\_. Gender, class and outdoor traditions in UK and Norway sport. *Education & Society*, v. 6, n. 1, p. 23-34, 2001.

KINSMAN, P. *Landscapes of national non-identity*. The landscape photography of Ingrid Pollard. Working Papers 17. Nottingham: Department of Geography, University of Nottingham, 1993.

MAC AN GHAIL, M. (Ed.). *Understanding masculinities*. Buckingham: Open University Press, 1996.

MACNAGHTEN, P.; URRY, J. *Contested natures*. London: Sage Publications, 1998.

MORTON, A. *Posh and becks*. London: Michael O'Mara Publications, 2000.

NÆSS, A. *Økologi, samfunn og livsstil*. Oslo: Universitetsforlaget, 1973 [*Ecology, Community and Lifestyles*. Translated in 1989 by D. Rothenberg Cambridge. Cambridge University Press.]

PEDERSEN, K. Pa sporet avet mangfold au friluftslivsstier. In: DAMKJÆR, S.; OTTESEN, L. (Eds). *Ud I Det fri – Sport, Turisme og Friluftsliv*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1995. p. 29-54.

\_\_\_\_\_. Tracing underlying ideas of masculinity in the Norwegian traditions of friluftsliv. In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE SOCIOLOGY OF SPORT, Oslo, 1997. *Anais...* Oslo: s.ed., 1997.

\_\_\_\_\_. Doing feminist ethnography in the 'wilderness' around my hometown: methodological reflections. *International Review for the Sociology of Sport*, Special Issue on Sport and the Environment, v. 33, n. 4, p. 393-402, 1998.

\_\_\_\_\_. "Det har bare vært naturlig". Friluftsliv, kjønn og kulturelle brytninger. Tese (Doutorado) – Norwegian University of Sport and Physical Education, Oslo: 1999.

\_\_\_\_\_; VIKEN, A. (Eds.). *Nature & identity*. Norway: Norwegian Academic Press, 2003.

SOPER, K. *What is nature?* Oxford: Blackwell Publications, 1995.

ST. ANDREWS UNIVERSITY/NORGES IDRETTSHOGSKOLE. *Encountering nature: Norwegian ideas and Scottish experience*. S.l: s.ed., 2000.

TACEY, D. J. *Remaking men*. Jung, spirituality and social change. London: Routledge, 1997.

TRIPP, A. (Ed). *Gender*. Basingstoke: Palgrave, 2000.

VANREUSEL, B. From Bambi to Rambo: towards a socio-ecological approach to the pursuit of outdoor sports. In: WEISS, O.; SCHULZ, W. (Eds.). *Sport in space and time*. Vienna: Vienna University Press, 1995.

WEATHERS, H. Girlie gear sarong for sexy David. But does it work for women? *The Mirror*, p. 3, jun. 1998.

WHITAKER, T. Beckham has got his Posh frock on. *The Sun*, p. 1, jun. 1998.

WILLIAMS, R. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. London: Fontana, 1983.

Recebido: 31 ago. 2006

Aprovado: 11 nov. 2006

Endereço para correspondência  
Barbara Humberstone  
School of Sport, Leisure and Travel  
Buckinghamshire Chilterns University  
Wellesbourne Campus  
Kingshill Rd – High Wycombe  
Bucks, HP13 5BB